



*Caro Vizinho
Gostoso,*

ANA PAULA LIMA

CARO VIZINHO GOSTOSO,

POR

Ana Paula LIMA



CAPÍTULO 1

“É uma verdade que precisa ser universalmente aceita que pessoas podem tomar péssimas decisões devido à abstinência sexual”. No dia em que escrevesse um livro, ele começaria com essa frase, pois nada explicava meus vinte anos de vida melhor que ela. O que é engraçado se você parasse para pensar que não sou a criatura mais *transante* que existia no meu grupo de amigas. De acordo com a minha melhor amiga, Quinn, eu era “praticamente” virgem.

— E ficar usando a vez em que você perdeu a virgindade, como se isso contasse como alguma experiência, não vale — ela sempre me dizia, com indignação.

Por algum motivo, Quinn jurava que, quando eu desse pela primeira vez, eu liberaria a “gatinha suja e sexy que tinha em mim”. A realidade não podia ter se mostrado mais decepcionante: eu estava há três anos sem transar e com uma coleção de brinquedos sexuais que apenas crescia. Sempre achei que ela não precisava saber a última parte.

Mas foi ainda pior: ela descobriu.

Da última vez que Quinn pisou no meu quarto, ela tinha encontrado a “caixa proibida”. Antes de precisar me afastar para atender a um telefonema, eu tinha pensado: “*como está procurando roupas velhas para o seu brechó, não acho que vá mexer na única caixa em que está escrito NÃO MEXA em letras garrafais*”.

Bem, obviamente, ela mexeu.

E assim que eu voltei para o meu quarto, a encontrei parada no meio do cômodo, cercada por vibradores, *plugs* e pintos de borracha. O olhar que ela me lançou, quando voltei, foi a de quem pegava o seu amigo trapaceando num jogo importante, e então disse:

— O.K. Dawn, você precisa de um pau.

Sua frase me pareceu incrivelmente irônica já que uma *caixa* de pintos de plástico estava espalhada no chão do meu quarto. Eu deveria ter lhe dito que a “gatinha suja e sexy que havia em mim” tinha se manifestado de outra forma.

E, com que para dar ênfase, Quinn pegou um vibrado e disse:

— Um pau *de verdade*.

Ao que eu respondi:

— Pode até ser, mas um pau de verdade não faz *isso*.

Apertei o botão e ela sentiu o brinquedo vibrar em sua mão. Então me olhou com se estivesse em dúvida se eu era uma trapaceira ou uma gênia.

— Pode ser, mas um vibrador não faz isso!

Então ela pulou em cima de mim, como se tentasse me beijar, e eu me debati, rindo dela. Nós duas rolando em meio aos pintos de plásticos. Por algum motivo, algo me dizia que esse era o começo de um filme pornô em que duas universitárias lésbicas começariam a se beijar, mas não foi o que aconteceu a seguir.

Quinn ficou séria e perguntou:

— Não entendo, Dawn. Você *obviamente* gosta de transar... porque não arruma um cara logo? Ou talvez dois ou três... enfim, quantos você quiser!

Sentei-me no chão, sentindo o meu rosto corar.

Tinham vários motivos para isso.

Para começar, eu não tinha paciência para “flertes” com um estranho — o que diminuía minhas chances de encontrar alguém drasticamente. Eu também não tinha paciência para as conversas que costumavam seguir os flertes, assim como não tinha vontade de me abrir para estranhos e contar a história da minha vida. Muito menos estava doida para lidar com as traições, as brigas e o desgaste emocional que relacionamento traziam.

A verdade, é que eu não *podia* lidar com esse desgaste emocional.

E isso, sem contar, é claro, no desastre que tinha sido meu primeiro namorado. Um desastre tão grande que eu tinha vergonha de contar, até

mesmo, para Quinn.

“*Eu quero um pinto... e de preferência que não venha acompanhado de um macho*” foi o que eu pensei. Logo, os brinquedos foram a solução perfeita.

Ao invés de lhe explicar isso, eu apenas disse:

— Olhe para mim, Quinn. Que cara iria querer me comer?

— Muitos! Acredite, tem muito homem por aí com complexo de garotinhas...

— Eca.

— Eu quis dizer, caras com “síndrome de irmã mais nova” ...? Talvez — ela tentou melhorar, mas isso conseguiu parecer ainda mais nojento do que “complexo de garotinhas”.

— Bem... é o tipo de cara o qual não tenho interesse *nenhum* — foi o que eu respondi.

Ela resmungou algo sobre a minha baixa-autoestima, algo que eu não escutei, e me ajudou a guardar todos os brinquedinhos sexuais de volta. Ao fim do dia, ela juntou todas as minhas roupas velhas — que era muitas — em caixas de papelão e ficou tagarelando sobre o quanto eu precisava de um cara, ou de um pau, no meu *hall* enquanto esperávamos o elevador.

— Se liga, Dawn, eu nem estou falando em namoro ou casamento... estou falando de trepar. Trepar gostoso. Pele com pele. Suor com suor... —

ela insistiu.

— Eca — foi tudo o que eu respondi, cortando aquela conversa.

Quinn retrucou fazendo uma careta, como se eu fosse uma estragaprazeres. Para a minha sorte, o elevador logo chegou e o meu vizinho — que estava dentro, junto com uma loira bonitona — segurou a porta para ela educadamente.

Nem mesmo Quinn, que era boa em controlar suas emoções, conseguiu segurar o próprio queixo quando o viu pela primeira vez. Ele era tão bonito e gostoso que eu mesma ainda não conseguia ficar indiferente quando nos esbarrávamos. Era uma mistura deliciosa de anjo caído com vocalista de banda de rock: alto, com músculos esguios e corpo pecaminoso, tatuagens que se revelavam além das mangas de suas camisetas e o rosto de um anjo mal.

Como alguém que prometia fazer coisas horríveis com você na cama...

... e que te faria gostar de *cada uma delas*.

Sempre tinha que me impedir de suspirar quando pensava nisso.

— Será que você poderia... apertar no térreo, por favor? — Quinn pediu, usando o seu famoso tom de voz que dizia “olhe para mim, sou apenas uma moça indefesa”.

Antes que eu conseguisse fazê-lo, meu vizinho se esticou e apertou o botão com um sorriso educado, e então se afastou. Enquanto a porta do elevador se fechava, Quinn olhou para mim, chocada, e mexeu os lábios dizendo: “GOSTOSÃO”.

Fui obrigada a concordar com a cabeça e acenei, vendo-a sumir da minha vista.

De fato, qualquer pessoa com olhos — e que sentisse atração por homens, claro — poderia atestar que meu vizinho era um puta gostoso. Até mesmo *ele* devia saber disso quando se olhava no espelho toda manhã. Devia olhar para si mesmo e perguntar: “quem é que eu vou comer hoje?” simplesmente porque ele *podia* se dar à esse luxo.

Devia ser por isso que, toda vez que nos encontrávamos no pequeno *hall*, ele estava acompanhado de uma garota bonita. Às vezes era a mesma. Às vezes era alguém diferente. O que nunca mudava, era o jeito com que ele as tratava: o como se inclinava para perto delas e o como lhes sorria com malícia quando tocava na base de suas costas. A linguagem corporal era sempre muito clara: *a gente vai se comer*.

Naquele dia, eu os encarei, fingindo me atrapalhar com as chaves do meu apartamento, e novamente invejei a garota bonita que o acompanhava... assim como eu invejava todas as outras que já me esbarrei antes. O que era

engraçado se levasse em consideração que transar com um macho não estava nos meus planos.

Tinha meus brinquedos e minha imaginação. Me bastaram por três anos.

Como se percebesse o meu olhar, a mulher olhou para mim e me lançou um sorriso. Ela era bonita: cabelos loiros com chapinha, bem maquiada e corpo bonito. Sorri de volta, mas duvido que tenha parecido tão simpático quanto o dela. Então enfim abri a minha porta e fui para o meu quarto, mas a ouvi dizer para ele claramente:

— Sua vizinha é bonitinha...

E não tinha nem um pingão de ciúmes.

Como se isso não fosse o suficiente, tinha *os barulhos*.

Não eram sempre que aconteciam, mas às vezes, eles gemiam *tão alto* que era possível ouvir do meu quarto. No início eu pensei: “*puta que pariu, sério mesmo?*” e me repreendi por me sentir *excitada* ouvindo o *meu vizinho* transando. Era pior quando eles transavam *enquanto* eu estava me masturbando, porque aí eu me sentia uma *voyeur* na minha própria casa. Uma terceira participante da brincadeira deles e isso era tão broxante quanto excitante.

Hoje em dia, sempre que começava a ouvir o barulho, colocava meus fones de ouvido e então me focava no meu trabalho no computador.

Recusando-me a participar do “quase ménage”. Às vezes, eu sentia tanta raiva que, quando eles terminavam de transar, eu podia estar fazendo nada, mas fazia questão de gritar tão alto quanto, só para pagar na mesma moeda.

Obviamente, minha aparência não era a única coisa infantil em mim.

Mas isso, é claro, foi antes dos meus dias de me masturbar acabarem.

Por dois motivos: Quinn e a pandemia.

Assim que a nossa cidade confirmou o primeiro caso da doença, todos os bares, restaurantes e atividades “não essenciais” foram obrigados à fechar por 15 dias — podendo ser prolongado quando acabasse. Dois dias depois disso, meu prédio estabeleceu novas regras ao que dizia respeito ao uso de elevadores e à entrada e saída de pessoas estranhas: elevadores só poderiam ser usados por pessoas da mesma família ou que morassem no mesmo apartamento e qualquer serviço de entrega teria que ser retirado no térreo, não permitindo que *ninguém* que não fosse *residente* subisse.

Foi por isso que Quinn nunca mais voltou a pisar os pés no meu apartamento...

Mesmo depois de ter levado minha caixa de vibradores *sem a minha permissão*.

— Por que diabos você fez isso?! — eu gritei com ela no telefone quando percebi.

— *Eu juro que era para ser só uma brincadeira!* — ela respondeu, parecendo *realmente* arrependida. — *Eu ia devolver quando você fosse me visitar no brechó! Juro! Infelizmente, eu tive que fechá-lo porquê... você sabe... não pode aglomerações e tal...*

— Sua piranha! Espere só eu colocar as minhas mãos em você! — eu a ameacei, lutando para respirar fundo e tentar me acalmar antes que eu enfartasse. — Você vai arrumar um maldito jeito de me devolver isso agora!

— *E arriscar a sua saúde...* — ela se interrompeu, como se algo horrível lhe passasse à mente naquele instante. — *Meu Deus, Dawn! Você é grupo de risco, não é? Meu Deus. Meu Deus... Você tem problemas cardíacos! Como eu vou devolver seus vibradores?! Quem vai fazer compras para você?! Ai, meu Deus... Você não pode pisar num supermercado! Me ouviu? Eles estão lotados e um verdadeiro inferno e...*

Engoli em seco com tamanha preocupação comigo.

Eu nasci com um problema cardíaco crônico que, às vezes, fazia com que meu coração disparasse do nada, deixando-me tonta e sem ar. Depois de uma cirurgia urgente, eu fiquei um pouco melhor, mas ainda passava muito mal se eu fizesse exercícios físicos intensos ou ficasse sob muito estresse emocional.

Quinn era uma das poucas pessoas que sabiam disso. Para a maioria, eu preferia não falar sobre porque elas sempre faziam aquela cara de “oh,

coitadinha”.

— Não se preocupe com isso, eu vou dar um jeito — eu lhe respondi, apesar de estar em dúvida se eu estava tentando convencer Quinn ou a mim mesma. — Se preocupe em encontrar um jeito de devolver meus vibradores!

Então desliguei o meu celular, chocada.

Pela primeira vez na vida, pensei que, se minhas crises já não eram ruins o suficiente por si só, imagine se eu pegasse essa maldita doença? Deus me livre. Eu teria que arrumar um jeito de me virar *sem* sair de casa.

Talvez isso tudo tenha me deixado paranoica, sabe?

“Ficar duas semanas sem sair de casa, vendo meus suprimentos diminuindo pouco a pouco e sem meus vibradores deve ter fritado os meus neurônios” justifico à mim mesma, enquanto tento respirar fundo e não me entregar à raiva que sentia naquele momento. O momento em que ouvia o meu vizinha transando com alguém em *plena pandemia*. E eu estava trancada em casa, sem poder sequer me masturbar decentemente.

“E a quarentena foi estendida por mais 15 dias” eu penso, borbulhando de raiva.

A raiva e frustração cresciam em mim, como uma bola de golfe presa em minha garganta. Certamente, era uma vontade de gritar, não era? Por

diversas vezes, me imagino batendo na sua porta com força e brigando com ele. Gritando e o acusando de ser sem-noção, egoísta e filho de puta... E nessas imaginações ele me encarava, surpreso, e então me agarrava e transava comigo porque... bem, ele era gostoso e tudo isso acontecia *apenas* na minha cabeça.

Era, sem dúvida, uma mistura de raiva e tensão sexual.

Vejo-me obrigada a largar minha caneta e pegar o celular para mandar uma mensagem explicando essa situação absurda às minhas amigas. Elas, pelo menos, iriam achar tudo engraçado e, com elas achando engraçado, talvez eu encontrasse motivo para rir disso também... Outro motivo que: *“esse filho da puta só pode estar tentando me matar”*.

QUINN: *Vc deveria falar com ele.*

Vai que termina como vc imaginou

Eu nao

Posso me contaminar

Ele fura a quarentena na cara dura!

ELOISE: *Talvez vc devesse deixar um bilhetinho para ele*

Fiz isso com o meu vizinho da frente quando ele namorava

E olha que eles transavam pa carai!

Funcionou?

ELOISE: *Pelo incrível que pareça... sim*

Talvez eu tente

“*Não é uma má ideia*” pensei comigo mesma, mas será que funcionaria?

Quer dizer, eu não sabia *nada* sobre o meu vizinho, mas seu comportamento certamente mostrava o quanto ele era um maldito ninfomaniaco egoísta. Se eu fizesse algo assim, ele provavelmente lería, riria da minha casa e jogaria no chão. Afinal, se a pessoa estava furando a quarentena para um vírus potencialmente letal, que tipo de noção ela poderia ter?

Talvez tenha sido a fome — por eu estar me alimentado há uma semana de bolacha de água e sal porque minha comida *de verdade* havia acabado — ou era a frustração sexual me impedindo de pensar no assunto direito. De qualquer forma, deixo meu celular de lado e pego um bloco de notas no meu *studio*. Estou tão surtada que nem reflito sobre as palavras que escrevo. Elas parecem pular da minha mente para o papel como se eu as tivesse mentalizando:

Caro vizinho gostoso,

Entendo que para um homem como você, muito requisitado pelo sexo feminino, seja difícil ficar mais que uma semana sem foder. Imagine 15 dias de quarentena — ou mais. No entanto, gostaria de pedir para que não seja um filho da puta egoísta e pense na sua vizinha fodida que é grupo de risco, está sem transar à dias e ainda tem que lidar com os “barulhos de amor” de você e das suas amiguinhas.

Bom saber que você goza de boa saúde — e não só disso —, mas eu não.

Se essa doença chegar em mim, eu vou estar fodida e a culpa vai ser sua.

Atenciosamente, por não ter outra escolha,

Dawn (também conhecida como sua vizinha indignada e não-fodida)

Assim que termino de escrever, me sinto estúpida e um pouco mais calma. Duvido que haja uma maneira mais delicada de dizer exatamente o que eu penso, além dessas palavras passivo-agressivas. Levanto-me da minha escrivaninha, coloco uma máscara limpa, passo álcool em gel nas

mãos e vou até o *hall* que delimitava nossos apartamentos como uma fronteira de dois países em guerra.

Dobro o papelzinho, delicadamente, e o envio por debaixo da porta dele.

Então eu volto para o meu apartamento, higienizo minhas mãos imediatamente e coloco a máscara que usei para lavar. Todo cuidado era pouco.

CAPÍTULO 2

Estou trabalhando numa encomenda de *fanart* para um concurso de *fanfics* de um site quando escuto batidas à minha porta. Ou pelo menos, acho que escuto. Tiro um dos fones de ouvido enquanto tento me concentrar em traçar a linha perfeita de um maxilar masculino quando escuto o som de novo: as batidas incrivelmente ritmadas.

Franzo o cenho para mim mesma, perguntando-me o que poderia ser.

E, de repente, parece meio óbvio que só pode se tratar do vizinho querendo tirar satisfação comigo. O pensamento faz com que eu solte um suspiro, irritada. Esse cara devia ser mais sem-noção do que eu tinha pensado: não bastava fazer rodízio de mulheres durante a pandemia, ele tinha também que aparecer no meu apartamento — trazendo sabe-se lá quantas doenças — depois de eu ter escrito que *sou do maldito grupo de risco!*

Levanto-me da minha cadeira, colocando uma máscara e abro a porta.

Eu não estava enganada. *Realmente* era o meu vizinho.

E passar uma semana sem me esbarrar com ele era o suficiente para achá-lo mais gostoso que o habitual. Seus cabelos escuros caíam como mechas onduladas sobre a testa, ornando com a pele bronzeada e contrastando com seus olhos castanhos claros. Mas então, uma diferença: ele estava usando uma máscara... e ficava incrivelmente *sexy* a usando.

Se eu não estivesse tão furiosa, teria pulado nele e lhe lambido.

E, claro, se ele não fosse um completo babaca.

— Você é a ... — Ele puxa um papel e lê: — A “vizinha indignada e não-fodida”?

Meu deus eu *tinha* escrito aquilo?

Sinto meu sangue se acumular em minhas bochechas, mas ergo a cabeça e digo:

— Sim. Sou eu. Também conhecida como Dawn.

Imagino-o amassando o papel o jogando-o na minha cara, enquanto diz: “o meu apartamento é meu e não é da sua conta o que eu faço nele”. No entanto, para a minha surpresa, ele o dobra novamente e o guarda no bolso da calça jeans.

— Ah, eu sou o “vizinho gostoso”, ou o “filho da puta egoísta”, de acordo com você... Também conhecido como Shawn — ele se apresenta.

É isso. Ele veio para jogar na minha cara as grosserias que eu escrevi, sem dúvida. Deve estar indignado por alguém como eu

simplesmente decidir o que ele pode ou não pode fazer com a sua vida e veio tirar satisfação.

Fecho os olhos por um momento, desejando ter sido mais cortês.

Mas quem consegue ser cortês com fome e tesão?!

— Eu acho que te devo desculpas... não sabia que se sentia assim a respeito das minhas... visitas — ele diz, encolhendo os ombros largos.

Acho que ouvi errado... o que ele acabou de dizer?

Ele... ele pediu desculpas?

Como eu não digo nada, ele continua:

— Confesso que... nem pensei que você poderia ser grupo de risco ou se sentir incomodada com isso... como são uma ou outra pessoa de vez em quando, e não aglomerações nem festas, achei que não havia problema... talvez tenha sido o pensamento de um “filho da puta egoísta” mesmo — ele parecia estar refletindo consigo mesmo, ao invés de querer se justificar para mim. — Me desculpe. De verdade.

— O.K... — eu digo, ainda estupefata. Aquilo não era *nada* o que eu esperava.

— E quanto ao barulho... se eu amordaçá-las você acha que se sentiria melhor? — ele pergunta com um brilho malicioso no olhar.

Ai, meu Deus, detalhes demais. Tesão demais.

Engulo em seco.

— A- acho que é e- elas... quem tem que gostar... — respondo, gaguejando como uma idiota.

Até parece que eu não falava dessas coisas com Quinn e Eloise.

Ele sorri e é incrível o como isso é perceptível só de olhar em seus olhos. É estúpido pensar no quanto isso me dá *ainda mais* vontade de pular em cima dele. Ai meu deus, isso só pode ser a abstinência, certo? Em geral, sou uma garota controlada... que só tem sonhos eróticos com personagens de livros ou atores de filmes românticos e bobos.

— Bem, eu vim aqui para lhe dizer que resolvi me redimir e ser o oposto do “vizinho filho da puta egoísta”. Sendo assim, me ponho à sua disposição se precisar de ajuda em alguma coisa — ele diz, num tom educado e formal.

Se ele pudesse, acho que teria até feito uma vênia.

— À minha disposição... — eu repito, ainda com os neurônios pifados.

— Se precisar de *qualquer* coisa — ele diz, com *aquele* brilho no olhar.

Um arrepio percorre a minha espinha e cogito que provavelmente estou sonhando. Enquanto traçava aquela maldita linha de maxilar provavelmente caí no sono — o que não era algo que me acontecia com

frequência — e agora estava tendo esse devaneio sem sentido a respeito do meu vizinho.

A maior prova de que isso era um sonho, era o fato de ele estar flertando — quer dizer, ele estava, não estava? — comigo. E o modo como, ao invés de corresponder pulando em cima dele, eu digo:

— Um minuto. Espera aqui um minuto!

E então vou para dentro de casa e escrevo uma rápida lista do que eu precisava comprar e que estava faltando. Começando com comida. Os dias de bolacha de água e sal acabaram! Enfim voltaria a beber refrigerante e... e... chocolates! E doces! Ah, e se eu mandasse ele buscar minha caixa de vibradores na volta?! Isso seria maravilhoso! Problemas resolvidos!

Quando volto, ele está coçando a sua nuca, fazendo-me perceber que a tatuagem em seu cotovelo se tratava de um sol tribal. Seu centro é uma espiral que parece infinita enquanto seus raios saem oscilantes e curvos como tentáculos. Magnífico. Eu poderia passar minha língua por aquela tatuagem e ...

MEU DEUS PARA DE PENSAR ESSAS COISAS, DAWN! FOCO!
FOCO!

— Preciso que você compre isso para mim.. por favor — eu digo timidamente, entregando a lista e tomando cuidado para não encostar nele.
— E que passe numa casa de uma amiga minha e pegue... uma caixa...

“Você está realmente mandando o seu vizinho ninfomaniaco recuperar a sua caixa de vibradores na casa da sua melhor amiga?” uma voz inteligente gritou na minha cabeça, chacoalhando meu cérebro. Ai, meu deus, a falta de sexo e comida realmente pifaram meus neurônios.

— Quer dizer... só se você puder... claro... ou tiver carro... Ai, meu Deus, esquece. Deixa para lá. Eu cuido disso depois — eu começo a me sentir idiota e cara-de-pau por querer abusar dele dessa forma.

“Ainda mais quando tem outras maneiras melhores de abusar dele, não é?” penso por um milissegundo, antes de brigar comigo mesma: *“Ai, eu sou má. Muito má”*.

— Sim, eu posso. Sim, eu tenho carro e não, não tem problema. Eu já estava de saída mesmo — ele responde, já guardando a lista antes que eu possa pegá-la de volta e apertando no botão para chamar o elevador.

— Desculpa, te pedir isso assim... Fui muito cara-de-pau — eu digo, esfregando minhas mãos. — É que... minha melhor amiga não mora comigo... nem meu irmão mora comigo... na verdade eu moro sozinha e eles têm medo de virem me ver e me ajudar com essas coisas... porque eu sou doente... e... desculpa, isso não tem nada a ver com você... er... melhor eu entrar...

Meu deus, que vergonha.

Nunca falei um “oi” com esse cara e de repente quase conto toda a minha vida.

“Não quer contar também sobre a desgraça que foi a sua primeira vez para ele sentir ainda mais pena de você?” me critico envergonhada.

— Eu aviso quando voltar com as suas coisas — é tudo o que ele responde, tentando ser simpático, eu acho. — Então, quando eu completar essa quest, estou livre?

— Livre?

— Do estigma de ser um “filho da puta egoísta” – ele responde, me provocando.

Mordi meu lábio inferior e dei de ombros.

— Você é do tipo que guarda rancor? — pergunto.

— Hum... só quando me acusam de ser algo que eu não sou... e se tem algo que não sou é egoísta — ele abre a porta e diz: — Quem me conhece sabe que minha maior satisfação é *dar prazer*.

Algo me diz que ele fala essas duas palavras com malícia. Talvez fosse o seu meio sorriso de “anjo mau” ... ou talvez fosse o jeito como seu olhar percorreu o meu corpo. Mas digo a mim mesma que isso é impossível. É impossível que meu vizinho gostoso esteja dando em cima de mim sendo que nunca nos falamos antes...

Será?

Volto para dentro da minha casa e, depois de repetir todos os protocolos de segurança que inventei para mim mesma, mando uma

mensagem para Quinn dizendo que mandei alguém para buscar minha caixa — e é bom que não esteja faltando nenhum vibrador, senão eu vou saber. Apesar de perguntar quem é a pessoa, não tenho coragem de lhe responder e digo que é uma surpresa. Sem dúvida, ele a deixaria surpresa.

Volto para o meu trabalho, mas não consigo me concentrar. Só fico pensando na conversa, nos indícios de que ele poderia estar flertando comigo, e no jeito que seus olhos sorriram para mim. Eu fico vermelha e meu coração dispara. Penso tanto nisso que começo a sentir falta de ar e ver estrelas diante de meus olhos. Me obrigo a me arrastar para minha cama e tentar relaxar e desligar o meu cérebro do vizinho gostoso.

Até que caio no sono e acordo apenas com o barulho da campainha.

Só consigo limpar o canto da boca, arrumar os meus cabelos e colocar uma máscara limpa antes de abrir a porta e me deparar com o meu vizinho no *hall*. E ele estava *realmente* com a minha caixa, com o grande “NÃO MEXA” escrito, e sobre ela, apoiava uma sacola de supermercado. Por um instante, penso comigo mesma o quanto ele devia ser forte para aguentar aquilo tudo em seus braços. Parecia incrivelmente pesado.

— Muito bem, coloque as coisas no chão e se afaste — eu mando.

Vejo um brilho de diversão reluzir naquelas duas jades.

— Por que de repente me senti como um criminoso com reféns?

Ele me obedece mesmo assim e, assim que se afasta e vai para a frente da sua porta, eu empurro minha caixa e as compras para dentro do meu apartamento com o pé. Enquanto olho para ele, arqueio uma sobrancelha e respondo:

— Talvez você seja um.

— Se este é o caso... você pagou o resgate? — ele entra na brincadeira.

— Se me passar a minha carta, eu risco as palavras “filho da puta egoísta” e substituo por “bom samaritano que ajuda garotinhas em perigo”. Isso te faria feliz?

Ele pondera por alguns segundos.

— Não. Eu mudei de ideia — ele responde. — Você gosta de sushi?

Tento não parecer muito surpresa.

— Por que a pergunta?

— Você tem cara de quem gosta de cultura japonesa e pessoas que gostam de cultura japonesa geralmente gostam de sushi — ele responde.

Não sei quais teriam sido os primeiros sinais que ele pode ter tido: minha moda estilo “garotinha de anime”? O fato de metade do meu cabelo ser preto, enquanto outra metade era cor-de-rosa? Ou o meu penteado de maria-chiquinha baixo que apenas uma criança usaria?

— Bem... estou chocada com o quão corretas são suas suposições.

— Ótimo. Pedi alguns enquanto voltava para cá e o preço do resgate vai ser que você jante comigo — ele decreta, como se desse uma sentença...

... Só se fosse de morte.

Confesso que se uma bomba houvesse explodido no meio do meu hall, eu não teria ficado mais surpresa do que com o convite dele. Isso é surreal e errado demais. Será que sonhei de novo? Será que ainda estava dormindo na minha cama?

— Não acho que seja uma boa ideia... — eu respondo. — Receber vizinhos na minha casa não seria considerado furar a quarentena? Sem contar que você ainda ontem estava com alguém que só deus sabe se estava doente ou não... para comermos precisamos tirar as máscaras e isso me parece muito arriscado perto de você.

Ele leva uma mão ao coração.

— Outch. Você me trata como se eu carregasse a peste.

— Para mim, você pode estar carregando — eu respondi. — E sequer ter ideia disso.

Shawn parece pensar nisso por um tempo.

— E se eu lavar minhas mãos?

— Ainda a resposta é não.

— Se eu tomar banho? Tipo, me desinfetar? — ele pergunta.

Penso nisso por um segundo. Não porque eu aceite a ideia de ter Shawn dentro da minha casa — recuso-me a pisar na casa dele, onde ocorre o rodízio de garotas —, mas porque a ideia dele tomando banho é um pouco demais para o meu cérebro faminto e sedento... por ele.

— Não... ainda não... — respondo.

— E se ficarmos dessa distância? — ele insiste — Tipo, você da sua porta, eu da minha... tenho certeza que há uns bons 2 metros entre uma e outra. Assim a gente pode conversar e comer. Sem problemas... Eu até abro janela do *hall* que ninguém abre.

Olho para a janela e pergunto:

— Meu Deus, ela *abre*?

Ele dá de ombros e responde:

— Eu a farei abrir.

Então meu coração se agita e isso é o suficiente para que eu fique atenta e procure por algum sinal de estar tendo um ataque. Não estava. Foi apenas algo de momento. Algo causado diante do pensamento de que ele estava insistindo para jantar comigo. Eu gostava quando as pessoas insistiam em algo, tanto quanto odiava.

— Por que você quer conversar comigo? — eu pergunto.

Ele dá de ombros.

— Por que não?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Caro Vizinho Gostoso,"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).